

O DESEMPENHO NA ÓTICA DAS CONTAS REGIONAIS*

André Contri
Denise Zaions
Jorge Accurso
Juarez Meneghetti
Maria Helena Sampaio
Miriam Kuhn
Yara Prange

Desempenho global

Apesar do quadro recessivo, pode-se dizer que a economia brasileira registra uma pequena recuperação em sua atividade econômica, em 1991. Tais observações apóiam-se em projeções preliminares do IBGE, as quais se fundamentam em informações disponíveis até o terceiro trimestre do ano, que apontam um crescimento em torno de 1%, o que reflete, preponderantemente, o desempenho positivo dos setores agropecuário (2,5%) e serviços (2,1%).

Tabela 1

Taxas de crescimento, por setores de atividade econômica,
do produto real do Brasil — 1989/91

				(%)
DISCRIMINAÇÃO	1989	1990	1991(1)	
Total	3,3	-4,0	0,9	
Agricultura	2,8	-3,7	2,5	
Indústria	2,9	-7,4	-0,8	
Serviços	3,9	-0,7	2,1	

FONTE: IBGE/Departamento de Contas Nacionais.
(1) Dados até setembro.

* Participaram ainda da elaboração deste trabalho: Carlos B. Gouveia, Eliana F. da Silva e Marilene G. Medeiros.

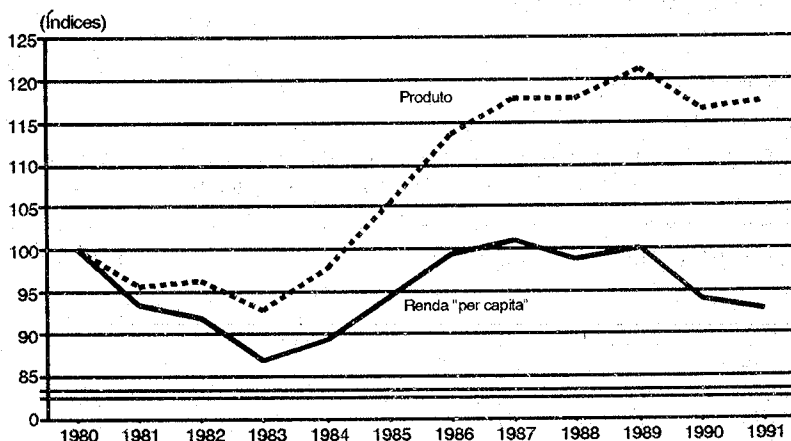
No entanto deve-se ressaltar que tais resultados não são suficientes para recuperar o patamar alcançado em 1989, mostrando-se 3,2% inferior ao daquele ano, com relação ao PIB global. Salienta-se ainda que, em termos setoriais, o produto da agropecuária brasileira se apresenta 1,3% aquém do verificado em 1989, mas é a indústria que acusa a maior perda, -8,1%.

Sob tais condições, a renda "per capita" real registrou uma queda de 1,2% em 1991. Além disso, deve-se observar que a mesma se encontra 7% abaixo da registrada em 1980, refletindo assim a crescente e profunda estagnação que vem caracterizando a economia brasileira ao longo da última década.

Por sua vez, os indicadores sobre a economia gaúcha disponíveis estão apontando uma "performance" bem mais modesta do que a projetada a nível nacional para 1991. As estimativas preliminares¹ indicam uma retração de 2,8% no produto do RS em 1991, configurando o segundo ano consecutivo de decréscimo na atividade econômica estadual.

GRÁFICO 1

EVOLUÇÃO DO PRODUTO E DA RENDA "PER CAPITA" REAL NO BRASIL — 1980-91



FONTE: IBGE.

¹ Anualmente, o Núcleo de Contas Regionais da FEE divulga as estimativas preliminares do desempenho da economia gaúcha, tendo como base informações disponíveis até o mês de outubro. No entanto, para 1991, só foi possível contar com dados até agosto, no caso da indústria de transformação, e até setembro, para a maior parte dos subsetores do setor serviços, por motivos alheios à FEE. Desse modo, destaca-se o caráter efetivamente preliminar dos números agora divulgados.

Convém salientar, neste ponto, que há dois fatores básicos para explicar a diferença de desempenho entre a economia gaúcha e a brasileira. O primeiro deles pode ser atribuído à péssima "performance" da agropecuária no RS, a qual registrou uma queda de 21,2%, resultante da frustração da safra de verão, em contrapartida a um incremento de 2,5% a nível nacional.

O segundo fator a ser levado em conta refere-se ao diferenciado comportamento da produção da indústria de transformação no Brasil e no Rio Grande do Sul, em 1991. Com os dados disponíveis até agosto, observa-se que ambas registram desempenhos negativos, mas diferenciando-se na intensidade da retração: no Estado, -5,3% e, no País, -0,5%. Sendo a indústria de transformação responsável pela maior participação no total do setor industrial, este alcançou um decréscimo de 3%, apesar de a indústria da construção civil e os serviços industriais de utilidade pública (SIUP) terem apresentado um desempenho positivo.

No setor serviços, por sua vez, ocorreu um incremento de 2,2%, o que, dado seu peso na estrutura regional, atenuou o desempenho da economia como um todo. Porém as condições mais amplas de recessão, desemprego, achatamento salarial e a queda geral no nível das atividades econômicas impediram um comportamento mais positivo em vários de seus subsetores.

Tabela 2

PIBcf global a preços correntes, variação anual do deflator implícito, índices e taxas anuais do produto real e do PIB "per capita" e população do Rio Grande do Sul—1989-91

ANOS	PIBcf GLOBAL (Cr\$ 1 000)	VARIÇÃO ANUAL DO DEFLATOR IMPLÍCITO (%)	PRODUTO REAL		POPULAÇÃO (1 000 hab.)	PIB "PER CAPITA"		
			Índice (base: 1975=100)	Taxa Anual (%)		Índice (Cr\$) (base: 1975=100)	Variação anual (%)	
1989	80 266 402	1 357,41	183,62	5,8	8 827	9 093	151,02	4,4
1990	2 020 553 629	2 494,68	178,07	-3,0	8 941	225 987	144,53	-4,3
1991(1)	8 964 697 545	356,31	173,12	-2,8	9 055	990 027	138,75	-4,0

FONTE: FEE/Núcleo de Contas Regionais.
(1) Estimativas preliminares.

Tabela 3

Ponderação, taxa anual e composição da taxa global do PIB, por setores de atividade econômica do Rio Grande do Sul—1989-91

SETORES	1989			1990			1991(1)		
	Ponderação (%)	Taxa Anual	Composição da taxa Global do PIB	Ponderação (%)	Taxa Anual	Composição da taxa Global do PIB	Ponderação (%)	Taxa Anual	Composição da taxa Global do PIB
Agropecuária	12,96	18,7	2,42	14,54	-2,0	-0,29	14,69	-21,2	-3,11
Indústria	32,59	2,5	0,81	31,57	-8,8	-2,78	29,69	-3,0	-0,89
Serviços	54,45	4,7	2,56	53,89	0,1	0,05	55,62	2,2	1,22
TOTAL GERAL ..	100,00	5,8	5,80	100,00	-3,0	-3,02	100,00	-2,8	-2,78

FONTE: FEE/Núcleo de Contas Regionais.
(1) Estimativas preliminares.

Dessa forma, o PIB do Rio Grande do Sul atingiu um valor de Cr\$ 8,9 trilhões em 1991, o equivalente a US\$ 31,9 bilhões. Tal montante representa cerca de 7% do PIB brasileiro.

Em razão desse resultado, a renda "per capita" real gaúcha decresceu 4% em 1991, tendo alcançado a faixa dos US\$ 3.526. Salienta-se, todavia, que a renda "per capita" real já vem acumulando uma perda de 8,1% ao longo dos últimos dois anos.

Finalmente, deve-se salientar a perda de dinamismo da economia estadual "vis-à-vis" à economia nacional nos últimos anos. Essa tendência vem se fazendo presente em razão do desempenho, principalmente, da indústria de transformação, que, no período 1985-90, apresentou um crescimento médio da produção de -0,38% a.a. contra 0,3% a.a. da brasileira, o que gerou consequências para os demais setores da economia.

Tabela 4

Taxas médias de crescimento anual do produto global, por períodos selecionados, no Brasil e no Rio Grande do Sul

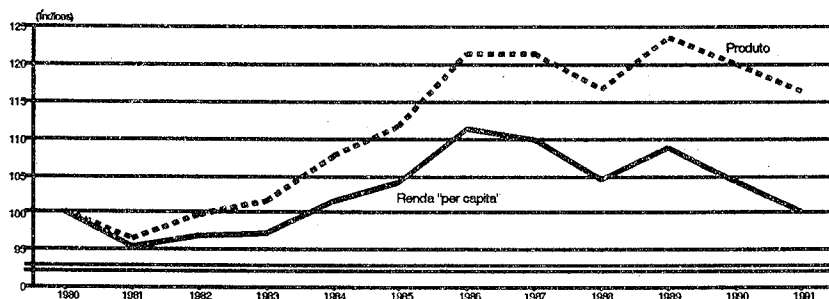
(%)

PERÍODOS	BRASIL	RIO GRANDE DO SUL
1980-85	1,1	2,2
1985-91	1,8	0,7
1980-91	1,5	1,4

FONTE: IBGE/Departamento de Contas Nacionais.
FEE/Núcleo de Contas Regionais.

GRÁFICO 2

EVOLUÇÃO DO PRODUTO E DA RENDA "PER CAPITA" REAL NO RS -- 1980-91



FONTE: FEE/Núcleo de Contas Regionais.

Desempenho setorial

Agricultura

Para o ano de 1991, as estimativas preliminares do produto agrícola do Rio Grande do Sul apontam um crescimento negativo de 21,1%, mantendo a tendência declinante do ano de 1990, quando o setor apresentou um decréscimo de 2,0%, enquanto a nível nacional o setor evidenciou, até o terceiro trimestre de 1991, uma expansão de 2,5%² (GM. 3.12.91). O melhor desempenho da agropecuária brasileira resultou do fato de que, no País, as perdas que ocorreram em uma determinada região foram compensadas pelo crescimento em outras.

O péssimo desempenho da agricultura gaúcha, além do problema climático, é consequência da restrição do crédito, à qual os agricultores reagiram, inicialmente, reduzindo a área plantada e, em um segundo momento, trabalhando com uso restrito de insumos modernos, caindo, portanto, o padrão tecnológico. A falta de crédito, somada à estiagem que atingiu o Estado nos primeiros meses do ano que passou, impossibilitou o desenvolvimento adequado das culturas de verão, afetando principalmente a soja, que sozinha representa aproximadamente 40% do Valor Bruto da Produção (VBP) da lavoura.

A produção da lavoura do Rio Grande do Sul apresentou uma queda de 34,0% com relação à do ano de 1990. Como o VBP desse segmento é fortemente concentrado nas culturas de verão da soja, do milho e do arroz, e por terem sido as duas primeiras atingidas violentamente pela estiagem, a produção física destas apresentou uma redução de 64,8% e de 48,1% respectivamente. Embora o arroz tenha apresentado um aumento de 19,3% em sua produção física³, não conseguiu compensar a queda de produção da soja e do milho.

O trigo, sendo uma cultura de inverno, teve seu plantio realizado num quadro de desânimo do agricultor, já bastante fragilizado pelo fracasso da colheita de verão. Essa cultura apresentou uma redução ao redor de 37,2% em sua área plantada, resultado da falta de crédito de custeio no momento adequado, ocasionando, portanto, uma queda em torno de 33,8% em sua produção.

Deve-se ainda salientar o decréscimo nas áreas plantadas de soja (11,1%) e de arroz (2,3%). Cabe observar que, dos quatro produtos que representam cerca de 80% do VBP da lavoura, apenas o milho apresentou um incremento (13,5%) em sua área plantada. Convém destacar o incremento de 3,5% na produtividade do arroz e de 6,6% na do trigo, embora tenha havido redução na sua área cultivada.

² Essa taxa resulta da composição de um crescimento de 1,2% da lavoura e de 4,5% da produção animal.

³ Como a maior parte do arroz plantado no Estado é irrigada, essa cultura foi menos atingida pela estiagem.

Tabela 5

Variação percentual da produção física, da área colhida e da produtividade de produtos selecionados da lavoura do Rio Grande do Sul — 1991

PRODUTOS	PRODUÇÃO FÍSICA	ÁREA COLHIDA	PRODUTIVIDADE
Arroz	19,3	15,2	3,5
Soja	-64,8	-11,4	-60,3
Milho	-48,1	9,9	-52,8
Trigo	-33,8	-37,9	6,6

FONTE: FEE/Núcleo de Contas Regionais.

O crescimento da produção animal foi de aproximadamente 9,3%, sendo que a pecuária de corte teve uma variação positiva de 10,7%, e os derivados, de 6,6%. Apesar da boa "performance" da produção pecuária, que participa com 41% no VBP da agricultura, a mesma não foi suficiente para compensar as perdas registradas no setor lavoureiro.

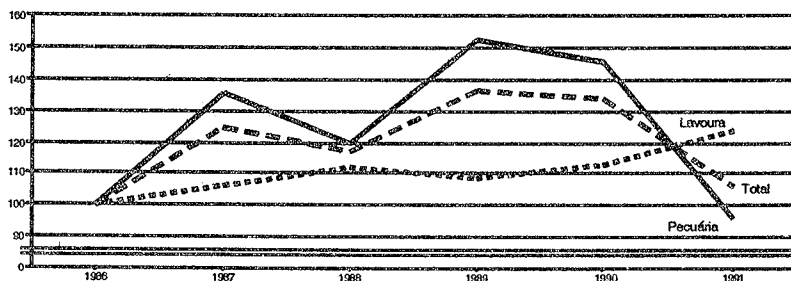
Ao se analisar a receita agrícola, constata-se que a relação de troca na agricultura continua desfavorável para o agricultor. Tal fato pode ser observado ao se verificar a variação acumulada dos últimos 12 meses entre o Índice de Preços Recebidos (IPR) e o Índice de Preços Pagos (IPP) pelos produtores. No ano que passou, a variação estimada preliminarmente para o IPR foi de 557,4% e de 608,0% para o IPP. A queda dos preços relativos dos produtos agrícolas é explicada, principalmente, pela aceleração dos preços industriais verificada com o fim do congelamento, a qual acarretou o aumento ao custo dos insumos agrícolas.

Confrontando-se o Índice Geral de Preços de Mercado (IGPM), calculado pela FGV, que apresentou uma variação média de 512,8%, com os índices da agropecuária gaúcha, constatou-se que este último foi 8,7% superior, enquanto os preços dos insumos tiveram um aumento de 18,6% em relação ao IGPM.

Para a safra 1991/92, é esperado um aumento na área plantada de alguns produtos, tais como o milho e o arroz. Esse incremento na área cultivada deverá ser consequência do último pacote agrícola, que teve como meta precípua incentivar o plantio. Com esse fim, foram reativados instrumentos como crédito, juros subsidiados, indexação dos preços mínimos, entre outros.

GRÁFICO 3

ÍNDICES DE "QUANTUM" DA AGROPECUÁRIA DO RS — 1986-91



FONTE: FEE/Núcleo de Contas Regionais.

Indústria

Segundo as estimativas preliminares, o valor agregado da indústria do Rio Grande do Sul apresentou, em 1991, uma queda de 3,0% em relação a 1990 (Tabela 6), refletindo, dessa forma, o fraco desempenho da economia brasileira, bem como dando uma resposta condizente com os objetivos recessivos da política econômica do Governo Federal. Essa queda é tanto mais significativa se se considerar que, em 1990, tal variação já havia sido de -8,8%.

Tabela 6

Taxa de variação anual da produção física e impacto dos subsetores na taxa global da indústria—1991

DISCRIMINAÇÃO	TAXA	IMPACTO
Indústria de transformação..	-4,7	-3,72
Extrativa mineral	-7,4	-0,04
SIUP	4,4	0,41
Construção civil	3,3	0,35
Total da indústria	-3,0	-3,00

FONTE: FEE/Núcleo de Contas Regionais.

O desempenho acumulado da indústria gaúcha⁴ nos oito primeiros meses do ano ficou abaixo do dos demais estados (Tabela 7). Além disso, quando comparado com o do Brasil, o desempenho da indústria no Rio Grande do Sul mostrou-se igualmente inferior. Enquanto no Brasil a indústria acumulava uma taxa de -0,3%, a indústria gaúcha apresentava uma queda de 5,3%.

Tabela 7

Taxas acumuladas de crescimento da produção física da indústria
no Brasil e em estados selecionados — 1991

				(%)
DISCRIMINAÇÃO	JAN-JUN	JAN-JUL	JAN-AGO	
Brasil	-1,1	-0,3	-0,3	
Pernambuco	4,4	3,2	2,6	
Bahia	-6,1	-4,8	-3,4	
Minas Gerais	-0,4	1,3	1,1	
Rio de Janeiro	-1,5	0,7	1,2	
São Paulo	-1,5	-0,5	-0,5	
Paraná	0,2	0,5	-0,2	
Santa Catarina	-0,1	0,1	0,1	
Rio Grande do Sul ..	-4,4	-4,9	-5,3	

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE..

NOTA: Os dados têm como base os mesmos períodos do ano anterior.

Sob tais condições e na medida em que representa cerca de 80% do valor agregado do setor industrial do Estado, a indústria de transformação liderou essa queda, com uma taxa de -4,7% no seu produto.

Os gêneros preponderantemente produtores de bens de capital foram os mais afetados pela instabilidade que caracterizou a economia brasileira no ano de 1991. Isto porque esse segmento é o primeiro a sofrer as consequências do aguçamento do processo recessivo, uma vez que é atingido diretamente pela queda dos investimentos. Nesse sentido, a variação acumulada de janeiro a agosto na indústria mecânica foi de -26,8%; na de material elétrico, -14,3%; e no gênero material de transporte, -19,4%. Entre os segmentos produtores de bens intermediários, convém destacar o gênero química, que, nesse mesmo período, sofreu uma queda de 12,4%.

⁴ Indústrias de transformação e extrativa mineral.

Tabela 8

Taxas acumuladas de crescimento da produção física da indústria de transformação, por gêneros selecionados, no Rio Grande do Sul — 1991

	(%)		
CLASSE E GÊNEROS	JAN-JUN	JAN-JUL	JAN-AGO
Indústria de transformação	-4,4	-5,0	-5,3
Metalúrgica	5,5	5,6	5,5
Mecânica	-26,5	-27,0	-26,8
Material elétrico	-14,4	-14,2	-14,3
Material de transporte .	-18,1	-17,8	-19,4
Química	-10,2	-11,8	-12,4
Vestuário	-12,2	-11,8	-12,3
Produtos alimentares ...	14,1	15,0	15,1
Bebidas	11,5	11,7	13,3

FONTE: IBGE.

NOTA: Os dados têm como base os mesmos períodos do ano anterior.

Em contraposição à recessão no setor de bens de capital, os gêneros produtores de bens de consumo não duráveis apresentaram taxas positivas na produção. Assim, até agosto, o gênero produtos alimentares havia crescido 15,1%; e bebidas, 13,3%.

Já em relação à construção civil, verificou-se, em 1991, um crescimento de 3,3% no seu produto, quando comparado ao do ano de 1990. Entre as causas desse crescimento estão a execução de obras públicas, tanto a nível estadual como municipal, e a continuidade de obras privadas que haviam sido paralisadas com o bloqueio dos cruzados em 1990. Cabe destacar também o fato de 1990 ter sido um ano recessivo para o setor, quando este sofreu uma queda de 3,4%. Assim, mesmo com o crescimento verificado em 1991, o nível de atividade da construção civil para esse ano ainda se situa abaixo do verificado em 1989.

Outro setor que apresentou crescimento positivo em 1991 foi o SIUP, com uma taxa de 4,4%. Dada a sua pequena participação setorial, o bom desempenho do SIUP e o da construção civil não foram suficientes para reverter a taxa negativa do setor industrial.

Serviços

De forma semelhante ao que ocorreu em 1990, quando a economia gaúcha e a nacional sofreram quedas acentuadas em seu crescimento, devido às medidas de política econômica adotadas pelo Governo Collor, observou-se o agravamento do processo recessivo em 1991.

Tendo essa situação como pano de fundo, o setor serviços amenizou o fraco desempenho da economia gaúcha, em virtude de sua representatividade no produto estadual (58,4%). Tal setor apresentou um crescimento de 2,2% em 1991, similar ao verificado a nível nacional, de 2,1% até o terceiro trimestre de 1991 (G.M. 3.12.91).

Deve-se ainda destacar a manutenção da tendência de crescimento dos subsetores comunicações (10,6%), governo (5,4%) e aluguéis, (2,9%), sendo bem menos expressivo o crescimento do subsetor transportes (1,1%).

Tabela 9

Taxas de crescimento do PIB do setor serviços e de seus subsetores no Rio Grande do Sul e no Brasil—1990/91 (%)

ANOS	COMÉRCIO		TRANSPORTES		COMUNICAÇÕES		INTERMEDIÁRIOS FINANCEIROS		GOVERNO		ALUGUÉIS		TOTAL SERVIÇOS	
	RS	BR	RS	BR	RS	BR	RS	BR	RS	BR	RS	BR	RS	BR
1990	-9,5	-5,9	1,8	-2,8	12,7	9,0	-3,9	-3,1	5,7	2,1	2,9	-	0,1	-0,7
1991 (1)	-5,1	2,0	1,1	0,4	10,6	19,4	-	-7,3	5,4	2,1	2,9	-	2,2	2,1

FONTE: FEE/Núcleo de Contas Regionais.

(1) Estimativas preliminares.

Por outro lado, observou-se um comportamento inverso no subsetor comércio, que apresentou uma queda de 5,1%, resultante das diretrizes de política econômica nacional, com retração no emprego e nos salários. Saliente-se, ainda, que os setores produtivos do Estado tiveram desempenho significativamente inferior ao verificado a nível nacional, o que também afetou a dinâmica desse subsetor. Em contrapartida, estimativas realizadas pelo IBGE apontaram uma evolução positiva de 2% para o comércio nacional.

Esse desempenho negativo do subsetor comércio, consorciado com sua significativa participação na estrutura setorial (33,3%), provocou um arrefecimento na dinâmica do setor serviços como um todo.

Segundo informações do **Termômetro de Vendas** (nov./91), as vendas em Porto Alegre, no período de janeiro a novembro de 1991 em relação ao mesmo período do ano anterior, apresentaram uma queda de 21,3%. A nível de segmentos, constatou-se que as vendas de bens de consumo duráveis apresentaram uma retração de 26,1%, enquanto as de bens de consumo não duráveis, uma queda de 12,9%.

Finalmente, devido ao fraco desempenho da economia em geral e ao modesto crescimento do setor serviços⁵ em particular, observa-se que o mesmo vem mantendo uma "performance" de crescimento discreto, atuando, todavia, como elemento amortecedor da crise global.

⁵ Principalmente se se considerar que a sua taxa foi de 0,1% em 1990.

Tabela 10

Estrutura nominal do PIB do setor serviços e participação percentual no PIB global do Rio Grande do Sul — 1990

DISCRIMINAÇÃO	ESTRUTURA NOMINAL DO PIB DO SETOR SERVIÇOS (%)	PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL NO PIB GLOBAL
Comércio	33,32	19,45
Transportes	7,60	4,44
Comunicações	1,62	0,95
Intermediários fi- nanceiros	21,13	12,34
Governo	13,35	7,79
Aluguéis	4,66	2,72
Outros serviços ...	18,32	10,69
Total serviços	100,00	58,37

FONTE: FEE/Núcleo de Contas Regionais.

Bibliografia

GAZETA MERCANTIL (3.12.91). São Paulo.

TERMÔMETRO DE VENDAS (1991). Porto Alegre, CDL/FEE, v.16, n.11, nov.

Anexo

Tabela 1

Produto Interno Bruto a custo de fatores, em valores correntes, por setores e subsetores de atividade econômica, do Rio Grande do Sul — 1987-90

(Cr\$ 1 000)

ESPECIFICAÇÃO	1987	1988	1989	1990
Produto Interno Bruto (cf)	723 802	5 206 323	80 266 402	2 020 553 629
Agricultura	78 878	500 783	7 207 396	175 883 153
Indústria	248 274	1 918 898	28 525 965	665 273 704
Indústria de transformação	208 655	1 652 899	24 540 883	572 456 273
Construção civil	25 223	165 780	3 034 136	64 053 724
Serviços industriais de utilidade pública	13 860	96 524	911 785	27 741 999
Extrativa mineral	536	3 695	39 162	1 021 708
Serviços	396 650	2 786 641	44 533 042	1 179 396 772
Comércio	120 432	842 421	15 284 838	393 016 045
Transportes	26 128	217 002	3 124 835	89 611 144
Comunicações	6 050	47 604	864 211	19 107 084
Intermediários financeiros	70 531	602 673	9 136 756	249 239 942
Governo	54 001	325 075	5 243 948	157 433 625
Aluguéis	29 003	126 296	1 881 620	54 983 509
Outros serviços	90 505	625 571	8 996 834	216 005 423

FONTE: FEE/Núcleo de Contas Regionais.

Tabela 2

Índices do Produto Interno Bruto a custo de fatores, a preços constantes, por setores e subsetores de atividade econômica, do Rio Grande do Sul — 1987-90

ESPECIFICAÇÃO	1987	1988	1989	1990
Produto Interno Bruto (cf)	180,23	173,58	183,62	178,07
Agricultura	134,67	124,76	148,04	145,12
Indústria	189,49	182,33	186,92	170,55
Indústria de transformação	185,70	178,99	182,11	162,28
Construção civil	152,72	148,08	159,81	154,36
Serviços industriais de utilidade pública	361,10	336,10	351,90	373,01
Extrativa mineral	263,83	275,53	255,97	245,14
Serviços	190,72	185,52	194,20	194,45
Comércio	109,15	94,52	98,02	88,71
Transportes	175,57	184,63	189,45	192,80
Comunicações	737,30	796,83	892,64	1 006,01
Intermediários financeiros	220,23	239,84	256,63	246,62
Governo	323,63	322,23	338,15	357,42
Aluguéis	211,24	221,27	232,67	239,42
Outros serviços	204,25	179,93	182,64	-

FONTE: FEE/Núcleo de Contas Regionais.

NOTA: Os dados têm como base 1975=100.

Tabela 3

Taxas de crescimento do Produto Interno Bruto a custo de fatores, por setores e subsetores de atividade econômica, do Rio Grande do Sul — 1987-90

(%)

ESPECIFICAÇÃO	1987	1988	1989	1990
Produto Interno Bruto (cf)	-0,1	-3,7	5,8	-3,0
Agricultura	28,4	-7,4	18,7	-2,0
Indústria	0,8	-3,8	2,5	-8,8
Indústria de transformação	-0,4	-3,6	1,7	-10,9
Construção civil	1,4	-3,0	7,9	3,4
Serviços industriais de utilidade pública	15,2	-6,9	4,7	6,0
Extrativa mineral	-11,2	4,4	-7,1	-4,2
Serviços	-5,7	-2,7	4,7	0,1
Comércio	-19,2	-13,4	3,7	-9,5
Transportes	4,8	5,2	2,6	1,8
Comunicações	6,1	8,1	12,0	12,7
Intermediários financeiros	1,5	8,9	7,0	-3,9
Governo	2,9	-0,4	4,9	5,7
Aluguéis	4,1	4,7	5,2	2,9
Outros serviços	-13,7	-11,9	1,5	-

FONTE: FEE/Núcleo de Contas Regionais.

Tabela 4

Estrutura do Produto Interno Bruto a custo de fatores, por setores e subsetores de atividade econômica, do Rio Grande do Sul — 1987-90

	(%)			
ESPECIFICAÇÃO	1987	1988	1989	1990
Produto Interno Bruto (cf)	100,00	100,00	100,00	100,00
Agricultura	10,90	9,62	8,98	8,70
Indústria	34,30	36,86	35,54	32,93
Indústria de transformação	28,83	31,75	30,57	28,33
Construção civil	3,48	3,18	3,78	3,17
Serviços industriais de utilidade pública	1,91	1,85	1,14	1,37
Extrativa mineral	0,08	0,08	0,05	0,05
Serviços	54,80	53,52	55,48	58,37
Comércio	16,64	16,17	19,04	19,45
Transportes	3,61	4,17	3,89	4,43
Comunicações	0,84	0,91	1,09	0,95
Intermediários financeiros	9,74	11,58	11,38	12,34
Governo	7,46	6,24	6,53	7,79
Aluguéis	4,01	2,43	2,34	2,72
Outros serviços	12,50	12,02	11,21	10,69

FONTE: FEE/Núcleo de Contas Regionais.

Tabela 5

PIBcf total e PIB "per capita" do Rio Grande do Sul — 1989-91

ANOS	PIB TOTAL (US\$ 1 000)	PIB "PER CAPITA" (US\$)
1987	28 837 087	3 358
1988	28 695 611	3 295
1989	31 605 422	3 581
1990	31 913 415	3 569
1991(1)	31 925 982	3 526

FONTE: FEE/Núcleo de Contas Regionais.

NOTA: Para 1980 (ano-base), o PIB foi convertido em dólares pela taxa média de câmbio, considerando-se para os demais anos as taxas de crescimento real do PIB e o Deflator Implícito do Produto Nacional Bruto dos Estados Unidos (GNP-IPD).

(1) Estimativas preliminares.